



Literaturas de Autoria INDÍGENA



DANGLEI DE CASTRO PEREIRA
LUZIA APARECIDA OLIVA
(ORGS.)

Literaturas de Autoria INDÍGENA



DANGLEI DE CASTRO PEREIRA
LUZIA APARECIDA OLIVA
(orgs.)

A responsabilidade pelos direitos autorais de textos e imagens dessa obra é dos autores .
[1a edição]



Elaboração e informações

Universidade de Brasília
[Instituto de Letras, Campi Darci Ribeiro]
[Departamento de Teoria Literária e Literaturas]
Campus Universitário Darcy Ribeiro, [L2 , 240] CEP: [79910-900] Brasília - DF, Brasil
Contato: (61)3107-7700 Site: www.unb.br E-mail: danglei@unb.br

Conselho Editorial:

Adriana Lins Precioso – UNEMAT
Antonio Aparecido Mantovani - UNEMAT
Ana Crélia Dias – UFRJ
Lucilene Machado Garcia Arf - UFMS
Lucilo Antonio Rodrigues – UEMS
Rosana Cristina Zanelatto Santos – UFMS
Susanna Busato – UNESP
Wellington Furtado Ramos – UFMS

Editora:

Universidade de Brasília
Departamento de Teoria Literária e Literaturas

Equipe técnica:

Capa: Samuel Moura Andrade
Criação: Samuel Moura Andrade
Fotos: Waraxowoo'i Maurício Tapirapé
Projeto gráfico e diagramação: Samuel Moura Andrade



P436 Pereira, Danglei de Castro

Literaturas de autoria indígena / Danglei de Castro Pereira; Luzia Aparecida Oliva (orgs.).
– Brasília: Universidade de Brasília, Departamento de Teoria Literária e Literaturas,
2022. 143 p. : il

Inclui bibliografia.

ISBN: (físico) 978-65-89350-05-7

ISBN: (digital) 978-65-89350-04-0

1.; Literatura – Estudo e ensino. 2. Etnoliteraturas. 3. Educação Básica – Brasil. I.
Título.

CDU



[...] a maior contribuição que os povos da floresta podem deixar ao homem branco é a prática de um ser uno com a natureza interna de si. As tradições do Sol, da Lua e da Grande Mãe ensinam que tudo se desdobra de uma fonte única, formando uma trama sagrada de relações e inter-relações, de modo que tudo se conecta a tudo. O pulsar de uma estrela na noite é o mesmo do coração. Homens, árvores, serras, rios e mares são um corpo, com ações interdependentes. Esse conceito só pode ser compreendido por meio do coração, ou seja, da natureza interna de cada um. Quando o humano das cidades petrificadas largar as armas do intelecto, essa contribuição será compreendida. Nesse momento, entraremos no ciclo da unicidade, e a terra sem males se manifestará no reino humano.

(JECUPÉ, Kaká Werá. A terra dos mil povos: história indígena do Brasil contada por um índio, 2020, p.64)

ÍNDICE

NOTA AO LEITOR

PARTE I - ARTIGOS

PELOS IGARAPÉS DA ESCRITA LITERÁRIA INDÍGENA -----
----- *Luzia Aparecida Oliva*

**CULTURA DE UM POVO: A CIÊNCIA E AS ARTES DE UMA
OMÁGUA-KAMBEBA** -----
----- *Luiz Renato de Souza Pinto*

**MEMÓRIA E RESISTÊNCIA EM PROJETOS E PRESEPADAS DE UM
CURUMIM NA AMAZÔNIA, DE EDSON KAYAPÓ** -----
----- *Leila Sílvia Sampaio*

**O PERCURSO DA IDENTIDADE EM OLHO D'ÁGUA: O CAMINHO DOS
SONHOS DE RONI WASIRY GUARÁ** -----
----- *Delma Pacheco Sicsú*

**LITERATURA INFANTIL INDÍGENA E OS SABERES DA
ANCESTRALIDADE: NO CAMINHO DA ALDEIA, COM OLÍVIO JECUPÉ E
DANIEL MUNDURUKU** -----
----- *Rosana Rodrigues da Silva*

**A POÉTICA INDÍGENA FEMININA DE POTIGUARA, GRAÚNA, KAMBEBA E
TABAJARA** -----
----- *Rosivânia dos Santos*

PARTE II - ENTREVISTAS

**COM A PALAVRA, JULIE DORRICO: A LITERATURA INDÍGENA E SEUS
CONTORNOS** -----
----- *Julie Stefane Dorrico Peres, Leila Sílvia Sampaio*

**LITERATURA E ATIVISMO DE EDSON KAYAPÓ E ALINE NGRENHTABARE
L. KAYAPÓ** -----
----- *Edson Kayapó, Aline Ngrenhtabare L. Kayapó, Leila Sílvia Sampaio*

NOTA AO LEITOR

Os artigos e as entrevistas que compõem este e-book são resultados das ações do projeto de pesquisa O escritor nativo por ele mesmo: literatura e representação (2020-2022) desenvolvido na Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT – campus de Sinop, sob a coordenação da Profa. Luzia Aparecida Oliva.

O objetivo do projeto, já concluído, consistiu em divulgar, ler e debater acerca da produção literária de autoria indígena no Brasil e ampliar seu alcance. Assim, as obras foram lidas por estudantes de graduação e pós-graduação, professores do Ensino Básico e Superior, de diversas instituições, entre elas, UNEMAT, UnB, UEA que contribuíram de maneira significativa na divulgação de autores e obras. Os encontros virtuais (Plataforma Google Meet) possibilitaram o acesso a muitos profissionais da educação que não poderiam participar se fossem realizados de maneira presencial. Isso também se justifica em virtude da pandemia que impôs outros caminhos tecnológicos a serviço da pesquisa e extensão.

Estamos certos de que o projeto cumpriu sua finalidade socioeducacional e, agora, torna público o resultado por meio de artigos de pesquisadores e entrevistas com escritores indígenas. Registra-se o agradecimento aos envolvidos que fizeram esse percurso de leitura e se propuseram a manter viva a tradição dos povos originários pelas histórias narradas e pelas vozes autorais.

Agradecimento ao Prof. Waraxowoo'i Maurício Tapirapé que, gentilmente, cedeu as fotos de seu acervo para que compusessem a capa. São registros do interior da cultura de seu povo. Por meio dessas imagens, dedicamos este trabalho aos povos originários que, desde a invasão, lutam incansavelmente pela Mãe Terra.

Os organizadores

PARTE II

ENTREVISTAS

VEGETAÇÃO NATURAL

Planto perguntas.

Não rego.

Mas vingam.

É a chuva.

(MARQUES, Santiago Villela. Outro. 2008, p.57)

LITERATURA E ATIVISMO DE EDSON KAYAPÓ E ALINE NGRENHTABARE L. KAYAPÓ

Aline Ngrenhtabare L. KAYAPÓ
aline.juskayapo@gmail.com

Edson KAYAPÓ
(Instituto Federal da Bahia - IFBA)
edsonbkayapo@gmail.com

Leila Silvia SAMPAIO
(SEDUC/MT-Colíder)
leilasampaio70@gmail.com

A entrevista realizada, pelo meio eletrônico, com os autores indígenas Edson Kayapó e Aline Ngrenhtabare L. Kayapó registra seus pensamentos acerca da produção literária indígena e como essa escrita apresenta-se como atos de resistência e força. A ideia surge após a participação dos escritores no Projeto de pesquisa O escritor nativo por ele mesmo: literatura e representação, coordenado pela Profa. Dra. Luzia Aparecida Oliva, no dia 04 de dezembro de 2020. Na ocasião, os escritores falaram de suas atuações no campo acadêmico, visando uma educação integradora e acerca de suas produções literárias que contribuem para o diálogo intercultural de forma respeitosa e gerador de conhecimento. Bastante atuantes nas redes sociais em debates proporcionados por diversas instituições e projetos, promovem ricas discussões que colaboram para a desconstrução de muitos conceitos que distorcem a realidade dos povos indígenas, daqueles que vivem na aldeia e dos que atuam na cidade nas mais diversas esferas. Dessa forma, pensamos que registrar parte de suas experiências e concepções, a partir de suas escritas, contribuem para irrigar o longo caminho que os povos indígenas vêm construindo, há mais de 500 anos, buscando diálogos que favoreçam a compreensão de seus pertencimentos, seus modos de vida e cosmovisões que estão registrados também na literatura de autoria indígena.

1. De grande influência em discussões em torno da presença indígena na atualidade e atuantes em outras esferas, chegam à produção literária. Como foi esse encontro com a escrita literária?

Aline e Edson: Nós sempre estivemos presentes na construção desse estado apelidado de Brasil. Nossa produção literária escrita não surgiu por acaso. Percebemos que, para combater os pseudo estudos que ousavam falar sobre nós, precisávamos dominar essa ferramenta. Mas, para isso foi necessário resignificá-la e, para tal, começamos a refletir e desconstruir por onde passávamos, conceitos caravélicos engendrados nos imaginários dessa sociedade concretada. Alguns teóricos dogmáticos não aceitam a nossa escrita como pertencente à literatura, mesmo assim escrevemos as nossas memórias e histórias. Os teóricos dogmáticos dos estudos canônicos da literatura brasileira não têm outra alternativa a não ser nos incluir em suas caixinhas de estilos. Inclusive, parentes que não sabem ler e escre-

ver, também fazem literatura. Digamos que a nossa memória ancestral e a nossa tradição oral foram grandes condutoras desse encontro da criação indígena literária.

2. A Literatura de autoria indígena não envolve apenas técnicas de escrita, mas compreende também sentimento, memória, pertencimento identitário e resistência. Como definem essa produção dentro do movimento político indígena?

Aline e Edson: Todo processo de criação literária indígena é fruto de nossas memórias e é um instrumento de resistência. Acreditamos que é um importante instrumento para a implementação da lei 11.645/08, bem como uma possibilidade de reencantamento das relações sociais, que foram tão desgastadas com o humanismo que separou o humano de outras formas de vida.

3. O conto “Amor originário”, de autoria conjunta, está publicado na obra “Nós : uma antologia de literatura indígena, organizado e ilustrado por Maurício Negro. Como foi o processo dessa criação e qual proximidade do real o leitor pode encontrar na narrativa?

Aline e Edson: O processo de criação de-se a partir de vários contextos que vivenciamos na aldeia. Como por exemplo, a importância do guerreiro para a manutenção da aldeia, seus desafios e angústias vividas fora dela, na cidade e, mais precisamente, nos centros acadêmicos. Traz a importância de valorizar o relacionamento dentro do povo ao qual pertencemos e a importância dos filhos, que são a continuidade da nossa luta. O romance envolve os nomes de nossos familiares e reflete o nosso desejo em ver o amor originário presente entre os nossos.

4. A narrativa “Projetos e presepadas de um curumim na Amazônia” é uma autobiografia. O personagem narrador conta seus projetos que estão relacionados ao descumprimento das regras impostas pelo internato. Como o leitor pode ler esses projetos como atos de resistência identitária?

Aline e Edson: Os projetos pretendiam promover a liberdade de nossos corpos em busca de ações que afirmassem quem de fato nós éramos, o que queríamos e sabíamos fazer. Então, as estratégias criadas para pescar, tomar banho de rio e na floresta nada mais eram do que atos de resistência.

5. Recentemente, foi lançada a obra “Um estranho espadarte na aldeia”. A narrativa apresenta um estrangeiro em contato com todas as especificidades de outra cultura e o leitor é levado a conhecer o modo de vida e pensamento do povo Karipuna. Pode-se dizer que a obra retrata o diálogo que a literatura de autoria indígena estabelece com outras formas de organização social?

Aline e Edson: A ideia é sugerir diálogos interétnicos e interculturais com outras formas de pensar e conceber o mundo, ressaltando que o modo de ser indígena está no campo de resistência que é anterior a qualquer outra forma de organização política encontrada em Pindorama.

6. Por meio das mídias sociais e pelas inúmeras lives possibilitadas pelo período pandêmico, podemos nos aproximar mais dos intelectuais ativistas Aline e Edson, convidados a refletir/debater acerca de assuntos, dentre outros, que visam uma educação intercultural. Como a literatura indígena pode contribuir para esse processo de ensino?

Aline e Edson: A literatura indígena pode colaborar de forma fundamental para a desconstrução de preconceitos, estereótipos e generalizações, pois trata-se de uma escrita protagonizada por indígenas que narram histórias a partir de suas óticas tão diversas.

7. Mesmo sendo uma produção literária de autoria individual, de que forma podemos ouvir a voz coletiva dos povos indígenas presente nas suas produções literárias?

Aline e Edson: Uma memória histórica não se faz sozinha. Quando escrevemos, estamos apenas sendo condutores de narrativas coletivas, transmitidas de gerações para gerações.

Como forma de somar às palavras dos escritores Edson e Aline, na entrevista concedida, traremos, a seguir, partes de algumas de suas falas em participações registradas pela mídia. Os diálogos tratam de assuntos que colaboram para conhecer melhor esses dois grandes ativistas e escritores indígenas que encantam com as palavras proferidas, assim como a escrita dos povos indígenas na literatura.

“A história dos povos indígenas foi violentada e pensando que a constituição nos garante vivermos nossa cultura, nossos modos de vida e crenças respeitadas, a literatura indígena tem papel fundamental no diálogo com essa constituição cidadã, no sentido de pensarmos na construção de outros instrumentos, por exemplo, de educação, pois se os livros produzidos por não indígenas não servem para nosso povo, por estar desalinhado como nosso jeito de ser, então o que serve do ponto de vista didático para a formação dos nossos povos? Obviamente é uma produção que quem tem autoridade e legitimidade para produzir serão nossos próprios povos, nossos escritores indígenas [...]. A literatura indígena é também um material para a formação do não indígena em relação à história e cultura indígena, porque é interessante que a sociedade não indígena tenha bastante clareza do que é ser indígena [...] e desmontar essa generalidade [...] e a literatura indígena tem essa função de informar o conhecimento acerca da sociedade indígena e sua diversidade”.

Por Edson Kayapo em: Professor Edson Kayapó e a importância da literatura indígena. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sIQ5K-FhF2dU>.

“A proposta de educação sempre caminhou para uma direção de integração [...], mas hoje nossa proposta é de interação, não integrar, mas sim interagir, porque enquanto indígenas, enquanto pessoas de pertencimentos, é impossível haver integração, pois na sociedade no formato que está posto, teríamos que nos desintegrar do nosso pertencimento originário [...] e

consequentemente estaríamos abandonando nossas origens. A integração remete a uma perda, então nossa proposta é a interação. É isso que fazemos quando escrevemos nossa literatura, quando compartilhamos com a sociedade nossas visões que é essa de interação, de trocar conhecimento. É a própria interculturalidade sendo posta em prática dentro de um formato respeitoso”.

Por Aline Ngrenhtabare L. Kayapó em: Edson Kayapó e Aline Kayapó falam sobre o livro Projetos e presepadas de um curumim na Amazônia Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w7OQtxUk4o8>

“A literatura indígena é uma escrita com narrativas que representam as vozes dos nossos antepassados. Antes da escrita essa literatura já existia na oralidade, então o que expressamos na escrita são saberes e conhecimentos que nos aprendemos pela oralidade que são transmitidos pelos mais velhos para as gerações mais novas. Outro aspecto que considero relevante em relação à literatura indígena é pensá-la como lugar, espaço de visibilidade dos nossos povos, tanto em termos das histórias narradas que em grande medida superam os limites da história oficial que silencia os nossos povos, que condena o passado, que generaliza [...] um espaço de desconstrução de estereótipos, de preconceitos, de racismos que historicamente nós sofremos, então essa literatura são vozes protagonizadas. [...] É uma literatura que colabora para o reencantamento dentro dessa crise generalizada e dialogar com os povos indígenas no sentido de pensarmos em uma outra sociedade, onde haja respeito entre as pessoas, entre os grupos, onde as diversidades socioculturais sejam respeitadas, [...] uma sociedade onde as desigualdades sejam superadas. [...] Essa narrativa, Um estranho espadarte na aldeia (2021), é a convergência das minhas pesquisas do mestrado e doutorado. É um diálogo intercultural, interético e precisamos realizar os diálogos interculturais dentro das escolas. Isso significa dizer que nós temos que fazer um esforço muito grande para que a ciência não queira atropelar os saberes milenares dos povos indígenas. É necessário, nesse momento de crise, crise também no modo de pensar, porque a ciência cartesiana e o pensamento eurocentrado estão em crise, e é necessário que nós refaçamos tudo, é necessário um movimento de reconstrução de todas essas coisas de saberes, de formas de pensar. É necessário repensarmos a economia e as relações sociais e os povos indígenas têm muito a colaborar nesse movimento de reconstrução dentro de uma metodologia que é a interculturalidade, que é uma forma humilde e tranquila do diálogo entre os conhecimentos no sentido de favorecer a todos os envolvidos.

Por Edson Kayapó em Literatura indígena e reencantamento das relações socioambientais. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=OiRi6bFzlyI>.

“[...] Quando nós indígenas escrevemos literatura, por exemplo, as pessoas falam que é literatura infantil-juvenil [...] não é. É uma literatura que fala sobre nossas visões [...] O Edson escreveu Um estranho espadarte na aldeia e como você vai ler e ter a audácia de dizer que é só literatura infantil-juvenil? A obra fala sobre anarquismo, fala sobre um povo, sobre o

presídio de Clevelândia do Norte. Fala sobre uma questão histórica, sobre os abusos que aconteciam na época da ditadura militar [...] Mas também temos falado do nosso amor, falamos das angústias, mas também das nossas alegrias, da nossa satisfação que é por exemplo estar na floresta. Em projetos e presepadas de um curumim na Amazônia (2019) fala disso e você vai percebendo a memória em movimento.[...]

Por Aline Ngrenhtabare L. Kayapó em A literatura indígena e o reencontro das relações socioambientais. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-ZKHijnSjIM&t=1822s>.

“A literatura indígena é vinculada a uma ancestralidade, às nossas ancestralidades [...] esse conhecimento que nós transmitimos através da escrita e da oralidade, na verdade são conhecimentos coletivos, ancestrais que nós aprendemos com os sábios. [...] Esse trabalho que realizamos através da escrita são trabalhos realizados com nossas histórias, saberes milenares, com a forma de tratar um ao outro, a coletividade que é uma marca registrada dos povos indígenas, a solidariedade, a relevância da vida em todas as suas dimensões”. (Por Edson Kayapó)

“Nós temos uma memória e podemos contribuir com a sociedade nacional com as nossas memórias e mostrando para eles que é importante, que é literatura também. [...] Depois que eu entendi a dimensão e a importância que a literatura tem, pois uma vez que você escreve um texto que vai entrar na divisa da entre alma, espírito e carne, claro que vamos usufruir das consequências da escrita [...] mas chega um momento que temos que saber qual o campo da guerra e saber que está ali como ensinador, porque existem muitas pessoas que estão dispostas a se desconstruir e a literatura indígena faz isso. Ela consegue alcançar as mentes, os espíritos, consegue acalmar as ideias formadas, esses pensamentos formados. [...] Nossa ideia não é brilhar no palco e ter esse brilhantismo, esses egos que a academia acaba trazendo e está carregada disso e é uma coisa que me entristece demais, porque o nosso saber enquanto indígena é milenar e precisa interagir com a ciência e não se integrar, causando a desintegração das nossas raízes. [...] Os indígenas estão propondo através da literatura a interação com a sociedade nacional de modo que juntos possamos produzir conhecimento científico [...] O que é literatura indígena senão os desdobramentos das nossas próprias memórias? É isso que é a literatura no final das contas. Por que com a literatura indígena seria diferente?” (Por Aline Kayapó)

“O conto Amor originário (publicado na obra Nós: uma antologia de Literatura indígena (2019), organizado e ilustrado por Maurício Negro) foi uma construção, minha e do Edson, e a história tem a ver com os rituais que acontecem na aldeia [...] Eu estava encantada com nosso amor e o chamei para escrever um história de amor e tem uma mistura de coisas que vivenciamos” (Aline Kayapó)

“A história é uma mistura do cenário da aldeia, do nosso relacionamento propriamente e como acontece no cotidiano da aldeia essas relações de amor, porque elas são diferentes de fato, se mantêm diferentes”. (Por Edson Kayapó)

“No final diz assim: “Meses se passaram até a chegada de Paekân Kayapó, uma linda MENPRIRE MEBENGÔKRÉ, nascida no mesmo dia e na mesma festa kwrykango, a fortalecer a união do jovem casal e eternizar o ciclo encantando que sustenta os povos originários pelo mundo afora e pela tradição adentro” (p 21). (Por Aline Kayapó)

“Que bom que estamos em outros tempos, porque já tiveram tantas escritas sobre os indígenas e não tenho dúvidas que isso vai continuar [...] isso é muito bom. Assim como é muito bom agora, no século XXI, nós termos o protagonismo. Para nós, isso que é relevante. Nós termos agora o direito de falar [...] e esse momento é de protagonismo dos nossos povos, nós vamos recontar as histórias, vamos fazer análise do que disseram sobre nós, porque até pouco tempo atrás, nós sentávamos com os indigenistas, nós falávamos e eles pegavam a palavra para dizer o que é que nós queríamos ter dito. Não estamos mais nesse tempo. Nós dizemos, deixamos nosso recado bem claro. É uma perspectiva, mas pelo menos tem visibilidade, audibilidade, porque até pouco tempo atrás nós tínhamos que ficar submetidos, subjulgados àquilo que diziam de nós.” (Por Edson Kayapó)

Por Aline Ngrenhtabare L. Kayapó e Edson Kayapó em encontro no Projeto de extensão “O escritor nativo por ele mesmo: literatura e representação, no dia 04 de Dezembro de 2020.

O autor

Edson Kayapó. Doutor pelo programa de pós-graduação em Educação: História, Política, Sociedade, na PUC-SP. Mestre em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Graduado em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (1997), com pós-graduação lato sensu (especialização) em História e Historiografia da Amazônia, pela Universidade Federal do Amapá (2000). Professor efetivo do Instituto Federal da Bahia (IFBA). Docente e orientador de pesquisas de mestrado no Programa de Pós-graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais na Universidade Federal do Sul da Bahia. É palestrante, assessor em projetor artístico-educacionais, escritor premiado pela UNESCO e pela Fundação Nacional do Livro Infantil e juvenil e membro da Comissão Assessora para a Inclusão Acadêmica e Participação dos Povos Indígenas- CAIAPI/UNI-CAMP,.

A autora

Aline Ngrenhtabare L. Kayapó. Descendente do povo Aymara. Escritora, autora na obra Nós: Uma antologia de literatura indígena (Companhia das Letrinhas), ativista no movimento nacional de indígenas mulheres. Fundadora do Wairaísmo - corrente ancestral-filosófica que se vincula à reflexão da resistência das indígenas mulheres no Brasil. É acadêmica do curso de Direito e, atualmente, secretária de comunicação regional do Movimento Unido dos Povos e Organizações Indígenas da Bahia (Mupoiba).

A autora

Leila Silvia Sampaio. Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, pela Universidade Estadual de Mato Grosso, polo de Si-

nop, na linha de pesquisa em Estudos Literários, com a temática Literatura indígena: um caminho para a formação da identidade leitora multicultural. Professora efetiva da rede estadual de Mato Grosso, atuando na Escola Estadual Professora Alzira Maria da Silva, no município de Colíder.